

Monstra Marina

Seres estranhos e desconhecidos nas viagens portuguesas de expansão e descoberta pelo oceano Atlântico

Cristina Brito

*Centro de História de Além-Mar, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Universidade Nova de Lisboa, Lisboa (Portugal)*

Resumo

Na Idade Média, numa época de pouca divulgação cultural ou científica, o povo imaginava monstros e coisas maravilhosas, bem como uma série de criaturas fabulosas a viver nos oceanos. Considerava-se que a Terra e o Mar eram dois mundos paralelos, pelo que certos animais terrestres já conhecidos teriam certamente os seus correspondentes a viver no mar. Mas foi apenas com os primeiros relatos dos descobrimentos que surgem referências escritas a diversos monstros marinhos. O termo monstro marinho surge, a partir do século XV, não necessariamente relacionado com uma criatura mítica medieval, mas associado à ocorrência de um enorme ser, assustador e nunca antes visto. Na extensa história Atlântica de Portugal existem inúmeras referências a *monstra marina*, muitas vezes com nomes até conhecidos, como baleias, golfinhos e outros peixes como esses. As viagens por mares e terras não explorados levaram os homens ao encontro de uma natureza inóspita, e colocaram-nos face a ambientes diferentes e singulares. Obrigaram-nos a enfrentar a perplexidade relativamente à fauna e flora encontradas, completamente incógnita e deveras admirável. Podemos, portanto, perceber que a fantasia criada em torno dos monstros marinhos, encontra o seu fundamento em vislumbres de animais reais, nas raras e surpreendentes observações de seres marinhos, que até então permaneciam um verdadeiro mistério.

Abstract

In the Middle Ages, with almost none cultural or scientific dissemination, the people use to imagine extraordinary beings and monsters, as well as fabulous creatures living in the seas. Land and Sea were two parallel worlds and so it was believed that certain terrestrial animals should have their marine equivalents living in the oceans. But it was not until the first descriptions from the discoveries journeys that written references to marine monsters arise. The term marine monster became connected, since the 15th century, not to the traditional mythical creature but to an enormous, scary and never before seen animal. In the Portuguese Atlantic history there are many references to *monstra marina*, sometimes with names already known, such as whales, dolphins, and other fishes like it. During the journeys trough seas and lands never explored, navigators faced a new and harsh nature with very different environments and surroundings. These journeys forced the explorers to face their own fears in relation to a fauna and flora completely unknown and sometimes breathtaking. So, it is easy to understand that all the fantasy related to marine monsters finds its own genuineness and truth in rare, brief and surprising observations of real marine animals that were still a complete mystery for man.

Introdução

Na Idade Média, numa época de obscurantismo e de pouca divulgação cultural ou científica, o povo gostava de imaginar monstros e coisas maravilhosas, bem como uma série de criaturas fabulosas a viver nos oceanos. Os estudiosos da época medieval consideravam que a Terra e o Mar eram dois mundos paralelos, pelo que os animais e certas criaturas terrestres teriam os seus correspondentes a viver no mar. Por este motivo, muitos nomes atribuídos a animais marinhos desconhecidos tinham a sua origem nos nomes dos respectivos “equivalentes” animais terrestres. A título de exemplo: cavalo-, lobo-, leão-, unicórnio-, entre muitos outros (Cazeils, 1998: 68). No entanto, antes de os naturalistas começarem a conhecer os animais marinhos e a inspirarem-se nos terrestres para lhes dar nome, muitos foram os encontros de pescadores e marinheiros com estes seres misteriosos. Destas observações, rápidas e fugazes à superfície do oceano, surgiram lendas e mitos que alimentaram gerações e gerações de homens do mar. Na origem destas fábulas está, sem dúvida, o desconhecido, o medo e as alucinações. Mas também, certamente, a vontade de desencorajar aqueles que fossem tentados a seguir os primeiros marinheiros da expansão pelos caminhos secretos do mar.

Uma das características fundamentais das narrativas das viagens do fim do período medieval, presentes nas obras de escritores e naturalistas da expansão e dos descobrimentos portugueses, é o facto de descreverem e representarem as paisagens, os animais e os povos, sem estabelecer uma fronteira entre o que hoje consideramos o real e o imaginário. Na verdade, naquela época não havia ainda uma distinção entre literatura com bases científicas e uma literatura de ficção (Gimenez, 2001: 207). Os relatos considerados hoje como resultados da imaginação do homem do fim da Idade Média, tinham para essas pessoas significados e expressões que provocavam ou manifestavam atitudes e comportamentos da sua vida quotidiana. Considerando este aspecto, as imagens construídas pelos primeiros viajantes que exploraram e relataram os mares e os territórios recém-descobertos não podem hoje ser entendidos como uma criação literária fora de contexto, mas sim como o resultado de condicionamentos históricos de uma longa tradição da acção humana (Gimenez, 2001: 208), em especial do enciclopedismo vindo da Idade Média.

A título de exemplo desta tradição, que mistura ainda a lenda e o início da ciência, podemos referir a serpente marinha. Esse monstro forte, cruel e malicioso, que enrolava as embarcações no abraço eterno do seu corpo viscoso e as conduzia para as profundezas do mar. Esse monstro, do qual ninguém falava sem se benzer e que era responsável por inúmeros naufrágios, pelos barcos afundados por um terrível golpe de

cauda, pela sua feroz mandíbula ou pela sua cabeça cornuda. Outro exemplo que pode ser explorado diz respeito ao unicórnio do mar. Hoje em dia denominado por narval, este grande e estranho cetáceo, com o seu enorme corno em espiral a sair da cabeça, vive nas águas geladas do Ártico. No entanto, há muito tempo que os narvais alimentam igualmente a lenda do unicórnio terrestre, um animal considerado um monstro fabuloso, que era capturado pelo seu chifre de propriedades mágicas, o qual era entregue nas cortes, nas casas dos senhores ricos e nos mosteiros.

Todos estes seres misteriosos tinham grande interesse narrativo para os escritores/viajantes, especialmente durante as longas e monótonas viagens marítimas. Foi, portanto, com base nas imagens produzidas nos relatos concretos ou imaginários dos viajantes e dos exploradores medievais e do início da época renascentista, ainda com forte influência dos “anos negros” da Idade Média, que os europeus criaram e aperfeiçoaram as suas concepções do novo mundo natural (Gimenez, 2001: 210). E, sem dúvida, uma das imagens mais perturbadoras presentes nas descrições destes viajantes diz respeito aos fabulários ligados aos monstros e, em particular, aos monstros marinhos.

Monstros marinhos na cartografia atlântica

Os mapas, na época medieval, representavam o conhecimento geográfico acumulado numa determinada altura, o que consistia basicamente na descrição da superfície da Terra. Durante o período dos Descobrimentos, a ciência cartográfica estava em franco desenvolvimento e os mapas produzidos eram considerados como pequenas enciclopédias geográficas da região descrita. Neste sentido, muitos incluíam descrições da fauna e flora, bem como dos habitantes e dos seus usos e costumes. De igual modo, os eventos naturais e culturais mais importantes eram minuciosamente ilustrados em todos os espaços disponíveis (Peeri, 1998: 1). Por exemplo, Abraham Ortelius, na sua *Africae Tabula Nova* de 1572, cartografa o continente africano rodeado por diversos monstros marinhos e navios em batalha. Embora existam inúmeras referências a monstros e seres fabulosos na Europa medieval, uma série de criaturas estranhas começam a aparecer no momento exacto em que os europeus começam a atravessar os oceanos um pouco por todo o mundo. A navegação por regiões novas levou os marinheiros ao encontro do desconhecido e ao encontro de animais marinhos colossais e baleias nunca vistas. Neste sentido, o Grande Atlas de Blaeu, *Africae Nova Descriptio* de 1630, é um mapa notável pelo seu trabalho decorativo e pelo mérito artístico, bem como pela exactidão geográfica.

Como já foi referido, os espaços vazios nos oceanos são decorados com criaturas fantásticas, peixes voadores e monstros marinhos, o que, apesar da sua qualidade e rigor cartográfico, lhe tira um pouco do realismo e pragmatismo. A maior parte dos monstros marinhos representados nestes mapas são baleias, mas a sua forma é curiosa, e nesses desenhos os animais estão fora de proporção em relação a países e a barcos. Na verdade, alguns destes monstros são mesmo maiores que metade do caminho entre a Europa e a América. O tamanho excessivo pode significar o seu extraordinário perigo para os marinheiros ou pode significar que um grande número destas criaturas pode ser encontrado no mar ou na região cartografada. É importante não esquecer que o mar, o Grande Mar Oceano, era considerado pelos homens como um local bastante misterioso e não menos perigoso. Foi, de facto, o medo e a surpresa face ao desconhecido que conduziu às crenças de que criaturas assustadoras e enigmáticas habitavam as profundezas dos mares. Os cientistas do período renascentista aceitavam, simultaneamente, esses mitos e lendas, como também se orgulhavam de apresentar o seu conhecimento e as suas descobertas científicas. Assim, os zoólogos e naturalistas dessa época utilizavam não apenas as palavras para descrever a nova fauna marinha como também desenhos e ilustrações complementares (Peeri, 1998: 1).

Existiam muitas ilustrações e descrições de monstros que surgiam, não nos mapas propriamente ditos, mas em folhas separadas. Estas, não constituindo um verdadeiro trabalho cartográfico, eram parte integrante ou complementar de um atlas ou de uma obra geográfica. É o caso típico da obra *Cosmographia* de 1550 de Sebastian Münster, a qual contém uma folha descrevendo monstros das zonas norte do Atlântico (ver figura 1). Nesta representação dos monstros marinhos e terrestres nota-se claramente a importância relativa de cada um dos ambientes atribuída pelo autor. Aqui o meio marinho é significativamente maior e por isso considerado muito mais importante do que o meio terrestre, embora este mar seja um mar genérico e não geograficamente definido.

Tal como nesta folha, os cetáceos, i.e., as baleias e os golfinhos, eram muitas vezes descritos e representados misturando observações reais com representações resultantes da ciência da época. Isto resultava, na maior parte dos casos, numa amálgama de características anatómicas de vários animais num mesmo animal ficcional. Estas bizarras criaturas marinhas poderiam ser, portanto, representações de animais verdadeiros que eram incorrectamente desenhados ou cujas observações eram distorcidas. As distorções das características reais resultariam de más interpretações da realidade ou seriam acrescentadas propositadamente para salientar a monstruosidade do animal em questão (Peeri, 1998: 3).

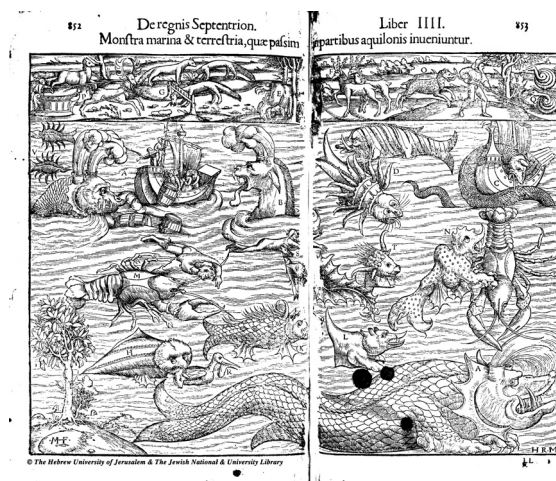


Figura 1. *Monstra marina e terrestria* na *Cosmographia* de Sebastian Münster de 1550.

De qualquer dos modos, e mesmo considerando as características exageradas ou pouco reais dos animais marinhos representados, podemos distinguir com facilidade alguns dos grupos, tais como as baleias de barbas ou mysticetos. Estas pertencem ao grupo dos cetáceos e distinguem-se facilmente dos golfinhos, não apenas pela maior dimensão corporal, mas por possuírem barbas e não dentes, e por possuírem dois orifícios respiratórios e não apenas um. É esta última característica que pode ser avaliada com bastante clareza na folha dos monstros de Münster, uma vez que sempre que surgem desenhos de animais marinhos com dois cones de água a sair da cabeça estão a ser representadas baleias. Estes cones de água são na realidade os chamados “sopros”, vapor de água resultante do processo respiratório destes mamíferos que sai para a atmosfera através do seu típico espiráculo duplo (sobre a biologia dos mysticetos ver Reeves *et al.*, 2002: 184-189).

Monstros marinhos nos relatos dos descobrimentos portugueses

Os monstros marinhos surgem também com bastante frequência nas crónicas portuguesas dos descobrimentos atlânticos, nos relatos de pilotos e nas descrições de naufragos entre os séculos XV e XVII. São vários os viajantes e exploradores que descrevem estranhos seres e a forma como o encontro com monstros desconhecidos afetava as pessoas. Na narrativa de Jean de Léry em “Viagem à Terra do Brasil” publicado em França em 1578, pode ler-se uma descrição da existência de monstros que amedrontavam as pessoas (Léry, 1980: 164):

Disse-me ele que, estando certa vez com outros em uma de suas canoas de pau, por tempo calmo em alto mar, surgiu um grande peixe que segurou a embarcação com as garras, procurando virá-la ou meter-se dentro dela. Vendo isso, continuou o selvagem, decepei-lhe a mão com uma foice e a mão caiu dentro do barco; e vimos que ela tinha cinco dedos como a de um homem. E o monstro, excitado pela dor pôs a cabeça fora d'água e a cabeça, que era de forma humana, soltou um pequeno gemido.

Foi igualmente neste clima e no espírito dos viajantes da Idade Média que Pêro de Magalhães Gândavo, depois de residir no Brasil, escreveu as suas impressões sobre a colônia na “História da província Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil”. Este autor, preso a uma tradição literária de séculos anteriores, associava às terras descobertas uma realidade geográfica habitada por monstros, como se pode ler no trecho que se segue (Gândavo, 1980: 31-32):

Sete legoas da mesma povoação pela terra dentro está humma lagoa doce que tem tres legoas de comprimentos e tres de largo e tem dez, quinze braças de fundo e dahí pera cima. Sae della hum Rio pequeno pelo qual vão lá ter barcos. (...) Tem muita infinidade de peixes grandes e pequenos. (...) Também há muitos tubarões nesta lagoa, e lagartos e muitas cobras. E achão-se nella outros monstros marinhos de diversas maneiras.

Aqui, o termo monstro marinho surge na sequência da descrição de diversos animais marinhos já conhecidos pelo autor e pelos habitantes locais. Mas a mais conhecida e interessante descrição de Gândavo surge no seu relato sobre a existência de monstros marinhos e de demónios na capitania de São Vicente (Gândavo, 1980: 119-120):

Foi causa tam nova desusada aos olhos humanos a semelhança daquele fero espantoso monstro marinho que nesta Província se matou no anno de 1564, que ainda per muitas partes do mundo se tenha noticia d'elle, nam deixarei todavia de dar aqui conta de novo, relatando por extenso tudo que ácerca disto passou (...) Acertou de sair fora de casa uma índia escrava do capitão: a qual lançando os olhos a uma várzea que está pegada com o mar, e com a povoação da mesma capitania, vio andar nela este monstro movendo-se de uma parte para outra, com passos e meneos desusados, e dando alguns urros de quando em quando tão feios, que como pasmada e quase fora de si, se veio ao filho do mesmo capitão, cujo nome era Baltazar Ferreira, e lhe deu conta do que vira, parecendo-lhe que era alguma visão diabólica. (...) Pondo os olhos naquela parte que ela lhe assinalou, viu confusamente o vulto do monstro ao longo da praia, sem poder visisar o que era, por causa da noite lho impedir e o monstro ser também ser coisa não vista, e fora do parecer de todos os animais. E chegando-se um pouco mais a ela para que melhor se pudesse ajudar da vista, foi sentido do mesmo monstro: o que em levantando a cabeça, tanto que o viu, começou de caminhar para o mar donde viera. Nisto conheceu o mancebo que era aquilo coisa do mar, e antes que nele se metesse, acudiu com muita presteza a tomar-lhe a dianteira. E vendo o monstro que ele lhe embargava o caminho, levantou-se direito para cima como um homem, fincado sobre as barbatanas do rabo e estando assim a par com ele, deu-lhe uma estocada pela barriga (...) O retrato deste monstro, é este que no fim do presente capítulo se mostra, tirado do natural. Era quinze

palmas de comprido e semeado de cabelos pelo corpo, e no focinho tinha umas sedas muito grandes como bigodes. Os índios da terra lhe chamam em sua língua Hipupiára, que quer dizer demônio da água. Alguns como este se viram já nestas partes: mas acham-se raramente. E assim também deve de haver outros monstros de diversos pareceres, que no abismo deste largo e espantoso mar se escondem, de não menos estranheza e admiração: e tudo se pode crer por difícil que pareça: porque os segredos da natureza não foram revelados todos ao homem, para que com razão possa negar, e ter por impossível as coisas que não viu, nem de que nunca teve notícia.

Em relação a este último excerto, em que Gândavo volta a descrever a existência de monstros marinhos e demónios, é de chamar a atenção que o autor refere que o monstro “já é conhecido em outras partes do mundo”. Assim sendo, o termo monstro pode não estar necessariamente relacionado com uma criatura mítica ou imaginária, um ser do mal resultante do imaginário colectivo, mas sim associado à ocorrência de uma enorme criatura marinha assustadora. Neste caso, e com os conhecimentos biológicos actuais, podemos dizer que o animal descrito neste relato seria um leão-marinho da família das otárias. Estes também são conhecidos por focas com orelhas, por possuírem ouvido externo, ao contrário das chamadas focas verdadeiras, e esta característica está claramente representada na gravura que acompanha a descrição (ver figura 2). Por outro lado, os membros desta família podem deslocar-se em terra, utilizando tanto os membros anteriores como os posteriores, podendo ainda erguer-se com facilidade (sobre as características morfológicas das focas e leões-marinhos ver Reeves *et al.*, 2002: 51-57). Mais uma vez, pode ver-se na imagem que o animal está na vertical sobre as suas barbatanas traseiras, o que é outro indicativo do grupo biológico em questão.



Figura 2. Gravura reproduzindo o monstro marinho de Gândavo e a forma como foi capturado.

Baleias e outros mamíferos marinhos na história portuguesa

Para além dos monstros marinhos, tipicamente referenciados e descritos como tal, surgem outros com características diferentes. São baleias, ou animais parecidos, já conhecidos pelos portugueses por existirem nas águas costeiras continentais do reino e que voltam a ser encontrados ao longo das viagens marítimas de descoberta e exploração pelo Atlântico. Embora, na maior parte das situações não se estivessem a referir à mesma espécie biológica de baleia, era este o termo utilizado para denominar todos estes grandes animais marinhos. Também, em várias situações, era utilizado o termo monstro marinho, mas aqui com o sentido de ser um animal grande e monstruoso, e não algo estranho e nunca visto.

Na história de Portugal surgem inúmeras referências a cetáceos - baleias, golfinhos e *outros peixes como esses*. Existem tanto em Portugal, desde pouco depois da nacionalidade, como nos novos mares e terras descobertas durante a exploração marítima portuguesa do Oceano Atlântico, nomeadamente nas terras do Brasil. Sobre a exploração portuguesa do Atlântico, alguns relatos indicam que os navegadores defrontaram o medo, as suas próprias fantasias, tentaram enfrentar as lendas e “verdades” instaladas, mas ainda assim o total desconhecimento da real origem destes animais manteve-se como uma constante na história da expansão. Na verdade, apenas no séc. XVIII os naturalistas passaram a considerar as baleias como um mamífero e não como um “*peixe grande*”.

Baleias

Na “Descrição verdadeira da costa daquele Estado que pertence à Coroa do Reino de Portugal, sítio da Baía de Todos-os-Santos”, quando o autor “trata das baleias que entram na Baía” pode ler-se (Sousa, 1989: 195-196):

Entendo que cabe a este primeiro capítulo dizermos das baleias que há na Baía como do maior peixe do mar dela a que os índios chamam pirapeã, das quais entram na Baía muitas em o mês de Maio que é o princípio do Inverno naquelas partes onde andam até ao fim de Dezembro que se vão e neste tempo de Inverno que reina até ao mês de Agosto, parem as fêmeas abrigadas da terra da Baía pela tormenta que faz no mar largo e trazem aqui os filhos depois que parem três ou quatro meses, que eles têm disposição para seguirem as mães pelo mar largo e neste tempo tornam as fêmeas a emprenhar, em a qual obra fazem grandes estrondos no mar; e enquanto as baleias andam na Baía, foge o peixe do meio dela para os baixos e recôncavos onde elas não podem andar, as quais às vezes para o irem seguindo dão em seco como aconteceu no rio de Piraóvão o ano de 1580 que ficaram neste rio duas em seco, macho e fêmea, as quais foi ver quem quis e eu mandei medir a fêmea que estava inteira e tinha do rabo à

cabeça setenta e três palmos de comprido e dezassete de alto afora a que tinha metido pela vasa em que estava assentada; o macho era sem comparação maior, o que se não pôde medir por a este tempo estar já despido da carne que lha tinham levado para azeite; a fêmea tinha a boca tamanha que vi estar um negro metido entre um queixo e outro cortando com um machado no beijo de baixo com ambas as mãos sem tocar no beijo de cima, e a borda do beijo era tão grossa como um barril de seis almudes e o beijo de baixo saía para fora mais que o de cima, tanto que se podia arrumar de cada banda nele um quarto de meação, a qual baleia estava prenhe e tiraram-lhe de dentro um filho tamanho como um barco de trinta palmos de quilha e fez-se em ambas de duas tanto azeite que fartaram a terra dele dois anos. Quando estas baleias andam na baía, acompanham-se em bandos de dez, doze juntas e fazem grande temor aos que navegam por ela em barcos porque andam urrando e em saltos lançando a água mui alta para cima e já aconteceu por vezes despedaçarem barcos em que deram com o rabo e mataram a gente deles.

As baleias aqui descritas são as baleias-corcunda (*Megaptera novaeangliae*) pois para esta região da costa brasileira são, desde sempre, conhecidas as suas actividades de acasalamento e de nascimento das crias. Tendo sido capturadas durante muitos séculos, e consideradas um excelente recurso natural pelas populações locais, hoje em dia são protegidas por leis internacionais de conservação da vida marinha.

Peixe-boi ou vaca-marinha

Mais adiante, o mesmo autor (Sousa, 1989: 198-199) refere-se aos manatins, também conhecidos por vacas-marinhas, quando “trata da propriedade do peixe-boi”:

Goarágóá é o peixe a que os portugueses chama boi, que anda na água salgada, nos rios junto da água doce do que eles bebem e comem de uma erva miúda como milho que se dá ao longo da água, o qual peixe tem o corpo tamanho como um novilho de dois anos e tem dois cotos como braços e neles umas mãos sem dedos; não tem pés mas tem o rabo à feição de peixe, cabeça e focinho como boi, tem o corpo muito maciço e duas goelas e uma só tripa, o qual tem os fígados e os bofes e mais fressura como boi e todo muito bom; não tem escama, mas a pela parda e grossa. A estes peixes matam com arpões muito grandes atados a grandes arpoeiras e mui fortes e no cabo delas atado um barril ou outra bóia, porque lhe largam com o arpão a arpoeira e o arpoador vai em uma jangada seguindo o rasto do barril ou bóia que o peixe leva atrás de si com muita fúria, até que o peixe se vaza todo do sangue e se vem acima da água morto, o qual levam atado a terra ou ao barco onde o esfolam como novilho, cuja carne é muito gorda e saborosa e tem o rabo como toucinho sem ter nele nenhuma carne magra, o qual derretem como banha de porco e se desfaz todo em manteiga e é como a de porco e tem muito melhor sabor; a carne deste peixe em fresco cozida com couves sabe à carne de vaca e salpresa melhor e adubada parece e tem o sabor de carne de porco e feita em tassalhos e posta ao fumo faz-se muito vermelha e parece e tem o sabor cozida de carne de porco muito boa e é feita toda em fêveras com sua gordura misturada e em fresco e salpresa, de vinha-d’alhos assada parece lombo de porco e faz-lhe vantagens no sabor; as mãos cozidas deste peixe são como as de porco, mas têm mais que comer, o qual tem os dentes como boi e na cabeça entre os miolos tem uma pedra tamanha como um ovo de pata feita em três peças, a qual é muito alva e dura como o marfim e tem grande virtude contra a dor de pedra; as fêmeas parem uma só criança e têm o seu sexo como outra alimária e os machos têm os testículos e vergalho como boi; na pele não têm cabelo nem escama.

As vacas-marinhas ou peixes-boi, conhecidos no meio científico por manatins ou dugongos, pertencem à ordem dos sirénios e são mamíferos herbívoros completamente adaptados e dependentes do meio marinho (sobre a sua biologia ver Reeves *et al.*, 2002: 474-477). Podemos considerar, então, que a espécie referida nesta descrição é o manatim das Índias Ocidentais (*Tricheus manatus*), não só pelas características apontadas no relato como pelo conhecimento actual da distribuição geográfica deste mamífero marinho.

Discussão

As viagens por mares e terras não explorados levavam os homens ao encontro de uma natureza inóspita, e colocavam-nos face a ambientes diferentes e singulares. Obrigavam-nos, a enfrentar a novidade e a perplexidade relativamente à fauna e flora encontradas, e a toda uma história natural completamente incógnita e deveras admirável. Podemos facilmente perceber que a fantasia criada em torno dos monstros marinhos, encontra o seu fundamento em vislumbres de animais reais, nas raras e surpreendentes observações de seres marinhos que permaneciam um verdadeiro mistério. É igualmente importante compreender que desde sempre se denominou por monstros, marinhos ou não, tudo aquilo que não se conhecia. Um animal novo, um ser nunca antes observado, ou apenas os indícios de uma baleia diferente a vir respirar à superfície, podiam ser a fonte para as mais imaginativas descrições sobre animais que, hoje em dia, qualquer pessoa reconhece.

Os viajantes a partir do século XV ao viverem as mais diversas experiências em locais desconhecidos, e apesar dos avanços científicos que marcaram a época, não estavam livres de julgamentos pré concebidos, ou seja, não conseguiam romper com a longa tradição das narrativas de viagem do período medieval. Artistas, escritores e cartógrafos, apesar do detalhe com que procuravam descrever a sociedade, os animais e a geografia desconhecida, representavam ainda na sua literatura e iconografia, o estranho, o novo e o fantástico com a influência do conhecimento do homem europeu da Idade Média. Assim, misturam-se descrições reais fundamentadas no conhecimento geográfico, racional e científico com as crenças e fantasias herdadas (Gimenez, 2001: 213). Actualmente, quando estudamos estes textos à luz dos conhecimentos biológicos e comportamentais sobre os mamíferos marinhos, conseguimos perceber quais as espécies encontradas pelos primeiros exploradores. As representações e as ilustrações biológicas de cetáceos ao longo dos séculos são verdadeiramente surpreendentes e muito pouco reais, mas ao relacionarmos os monstros marinhos com

este grupo animal conseguimos observar, para lá da persistência da imaginação, o lento aparecimento da ciência (Gannier e Gannier, 2005: 101). Hoje em dia, os inúmeros conhecimentos sobre a biologia dos mamíferos marinhos permite-nos identificar classes taxonómicas ou mesmo espécies, contrariar teorias com vários séculos de existência e explicar a origem de alguns mitos sobre os monstros marinhos.

Porém, ao ler as descrições históricas, conseguimos também compreender a perplexidade destes pioneiros e, em muitos casos, sentir a ignorância e o medo face a estes seres marinhos de grandes dimensões e de aspecto morfológico tão diferente e característico. Curiosamente, a experiência destes encontros, aquando das primeiras viagens oceânicas de descoberta e exploração, criou uma mudança para uma percepção mais negativa dos mamíferos marinhos (Gannier e Gannier, 2005: 100). Isto é particularmente enfático no caso das grandes baleias as quais, pela sua dimensão e estranheza, passaram a ser encaradas em diversas situações como um sinal de mau agouro para a viagem em curso. Portanto, é partir deste momento que surgem histórias lendárias sobre os *monstra marina*, muitas das quais inspiradas em observações de baleias, e se criam muitos mitos de seres maravilhosos e criaturas fabulosas a viver nos oceanos. Sem dúvida que foi a navegação e exploração de regiões desconhecidas que levou os viajantes e marinheiros ao encontro dos monstros marinhos. Fossem estes reais ou fruto de imaginação, permitiram o início singelo dos estudos da história natural aplicados ao Novo Mundo, ao Grande Mar Oceano e aos seres vivos que nele habitam.

Bibliografia

- Cazeils, N. (1998). *Monstres Marins*. France: Éditions Ouest.
- Gândavo, P.M. (1980). *Tratado da Terra do Brasil: História da provincia de Santa Cruz*. B. Horizonte: Itatiaia; Edusp.
- Gannier, O. e Gannier, A. (2005). *Sea monsters and cetaceans: Show emergente of science and persistente of imagination*. Abstract in the 19th Annual Conference of the European Cetacean Society. La Rochelle: pp. 100-101.
- Gimenez, J. C. (2001). A presença do imaginário medieval no Brasil colonial: descrições dos viajantes. *Acta Scientiarum*, Volume 23, n.º 1, pp. 207-213.
- Léry, J. de (1980). *Viagem à Terra do Brasil: História da Provincia de Santa Cruz*. Belo Horizonte: Itatiaia; Edusp.
- Peeri, D. (1998). *Marine animals and monsters in maritime cartography from the 15th-17th centuries*. Haifa: CMS News, Report 24-25, University of Haifa, Center for Maritime Studies.
- Reeves, R.R., Stewart, B.S., Clapham, P.J. e Powell, J.A. (2002). *Guide do Marine Mammals of the World*. National Audubon Society. New York: Alfred A. Knopf.
- Sousa, G. S. (1989) *Notícia do Brasil, Descrição verdadeira da costa daquele Estado que pertence à Coroa do Reino de Portugal, sítio da Baía de Todos-os-Santos*. Lisboa: Colecção Alfa, Biblioteca da Expansão Portuguesa, n.º 11.

Agradecimentos

Este trabalho foi financiado por uma Bolsa de Doutoramento atribuída pela Fundação para a Ciência e Tecnologia, do Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior do governo português (SFRH/BD/21836/2005). Agradece-se ainda o apoio logístico do CHAM - Centro de História de Além-Mar da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e da Escola de Mar - Investigação, Projectos e Educação em Ambiente e Arte.